ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17577 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GT 22 - Educação Ambiental

CRISE CLIMÁTICA E COLONIALISMO: PERSPECTIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO INFANTIL CONTRACOLONIAL

Lea Tiriba - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Lara Paletta Sparano - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Amanda de Faria Sánchez - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CRISE CLIMÁTICA E COLONIALISMO: PERSPECTIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO INFANTIL CONTRACOLONIAL

Este trabalho, caracterizado como pesquisa em andamento, apresentamos os resultados de uma discussão teórica (Quijano, 2009; Ferdinand, 2022; Rufino, 2019; Xxxxxx, Xxxx; Xxxxxx x Xxxxxxx, 2005) sobre como a crise ambiental é produzida e simultaneamente reproduz e afeta diretamente a escola, na medida em que esta instituição se organiza com base em lógicas cartesianas de emparedamento. O afastamento dos seres humanos do sol, do solo, dos ventos, da água, das árvores, dos demais seres que habitam o território sóciobiodiverso da mãe Terra vem sendo operado sistematicamente pela escola, divorciando os infantes humanos do ambiente natural, mantendo-os por “longos períodos em espaços fechados, intermináveis esperas, submissão à rotinas que não respeitam seus ritmos próprios" (Xxxxxx, 2005, p. 17). Especialmente em contextos urbanos, a escola, ao confinar as crianças horas a fio entre paredes, fragiliza sua natureza biofílica, fragmenta corpo-mente, razão-emoção, pensamento-ação e instauram o divórcio central da modernidade entre natureza-cultura.

O diálogo com as perspectivas e conceitos anunciados pelos/as autores/as com quem conversamos, mostra-se potente na busca de caminhos para responder a problemática da pesquisa em andamento. Elas têm como ponto de confluência o questionamento dos modos

pelos quais o *sistema-mundo-colonial-moderno* (Quijano, 2009) é reproduzido e alimentado no cotidiano, pelas lógicas espaço-temporais que organizam o funcionamento das escolas. Interessamo-nos em saber sobre como os modos de funcionamento das sociedades ocidentais - urbanas, antropocêntricas, fundadas nos marcos do eurocentrismo, do colonialismo, do racismo e da racionalidade exploratória - relacionam-se com a crise ambiental atual e incidem e afetam diretamente o sistema escolar, concebido e organizado em lógicas cartesianas de emparedamento/fragmentação.

Este projeto é perpetuado pelo sistema escolar, que mantém as crianças em estado de *isolamento ecológico* (Xxxxxx x Xxxxxxx, 2023) graças à imobilidade dos corpos e a exaltação dos processos superiores da mente, essenciais para a apropriação de sistemas de conhecimentos e valores antropocêntricos, racistas e individualistas que dão sustentação ao capitalismo, sistema de domínio político e ecológico. Vale lembrar que este isolamento é de caráter desigual, à medida em que se acentua entre crianças e jovens pobres, negros, pertencentes à povos originários e tradicionais, a quem é negado o direito de viver e/ou de frequentar territórios escolares ricos em biodiversidade.

A supremacia da razão nos levou também aos ideais do pensamento único (Ngozi, 2019), da *história única,* ao deslegitimar, descartar, apagar os "outros" saberes, ou ao transmutá-los em práticas coerentes com a cultura do colonizador. Rufino (2019), afirma que a *descolonização* deve ser compreendida sobretudo como uma prática de transformação e uma ação de reencantamento do mundo. Reafirmar práticas e honrar os saberes ancestrais, acima de tudo, é reafirmar a vida, os corpos e o ser e existir das culturas que o colonialismo insiste em apagar. Isso só será possível com movimentos pedagógicos de territorialização, encarnação, conexão, luta pelo direito de acesso ao sol, às águas, à terra.

Segundo Ferdinand (2022), uma *fratura ambiental* ocorre a partir do pensamento da modernidade que separa o ser humano e a natureza, e consequentemente coloca os seres humanos em uma suposta posição hierárquica superior. Em contraposição a uma *ecologia colonial*, o autor propõe uma *ecologia decolonial* (Ferdinand, 2022), indicando caminhos que vão na contramão das dominações do ser, saber e poder, enraizadas nas relações coloniais, compreendendo suas interconexões com a luta pelas questões ambientais.

Conforme Ferdinand (2022) os *matricidas da plantation*, que levaram à morte da mãe terra, alteraram a relação matricial que os povos originários mantinham com a terra; ou seja, a terra era a grande provedora da qual viviam, comiam os frutos, caçavam, pescavam, e viviam em condições de integridade.A destruição pela *plantation* dessa relação aponta para o rompimento de uma outra relação, afetiva e sagrada com a Terra.

Na contramão da lógica colonialista devoradora da Terra, chamamos a atenção para a necessidade de praticar uma educação contracolonial que considere, desde a Educação Infantil, uma perspectiva de proximidade corporal, afetiva, alimentadora da biofilia - a atração inata sustentadora do amor dos humanos pela biodiversidade, intensamente praticado pelas crianças, quando em estado de liberdade. Nos tempos atuais, isso significa inventar modos de organização curricular - tempos, espaços, rotinas - orientados por princípios e valores que assegurem o livre *brincar-pesquisar* em conexão com o cosmos, a expressão criativa e o pertencimento coletivo como antígenos ao consumismo e ao desperdício, à apropriação privada do que é de todos, ao racismo e às injustiças ambientais.

Palavras-chave: Educação Infantil; Ecologia decolonial; Saberes ancestrais; Cultura Ambiental

REFERÊNCIAS

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

QUIJANO. Colonialidade do poder e classificação social. **Epistemologias do sul**. Coimbra: Editora Almedina, 2009.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

XXXXXX, X. **Xxxxxxx, Xxxxxxxx x Xxxxxxxx Xxxxxxxx**. Xxxx (Xxxxxxxxx). Xxxxxxxxxx Xxxxxxxxxxxx Xxxxxxxx xx Xxx xx Xxxxxxx, 2005.

XXXXXX, X.; XXXXXXX, X. Xxxxxxxxxxxx xxxxxxxxx: xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx xxxx xxxxxxxxxx x xxxx. X Xxxxxx xx Xxxxxxx, 2023.